O Pantanal no período Colonial: indígenas e europeus

O início da colonização europeia

Em 1524, iniciaram as primeiras expedições europeias de colonização da região compreendida pelos espaços de fronteira entre o Pantanal e a Chiquitania, localizada no atual Oriente Boliviano. Essas expedições partiam com o intuito de alcançar as riquezas minerais do Peru e de Potosi, conhecidas na historiografia como o mito do "El Dorado" ou "Sierra de la Plata". Mas, para isso, antes deveriam atravessar o fabuloso "lago de los Xarayes" ou "mar de Xarayes" (atuais lagoas Gaíba e Uberaba), um espaço imaginado, criado e representado nas cartografias coloniais desde o século XVI.

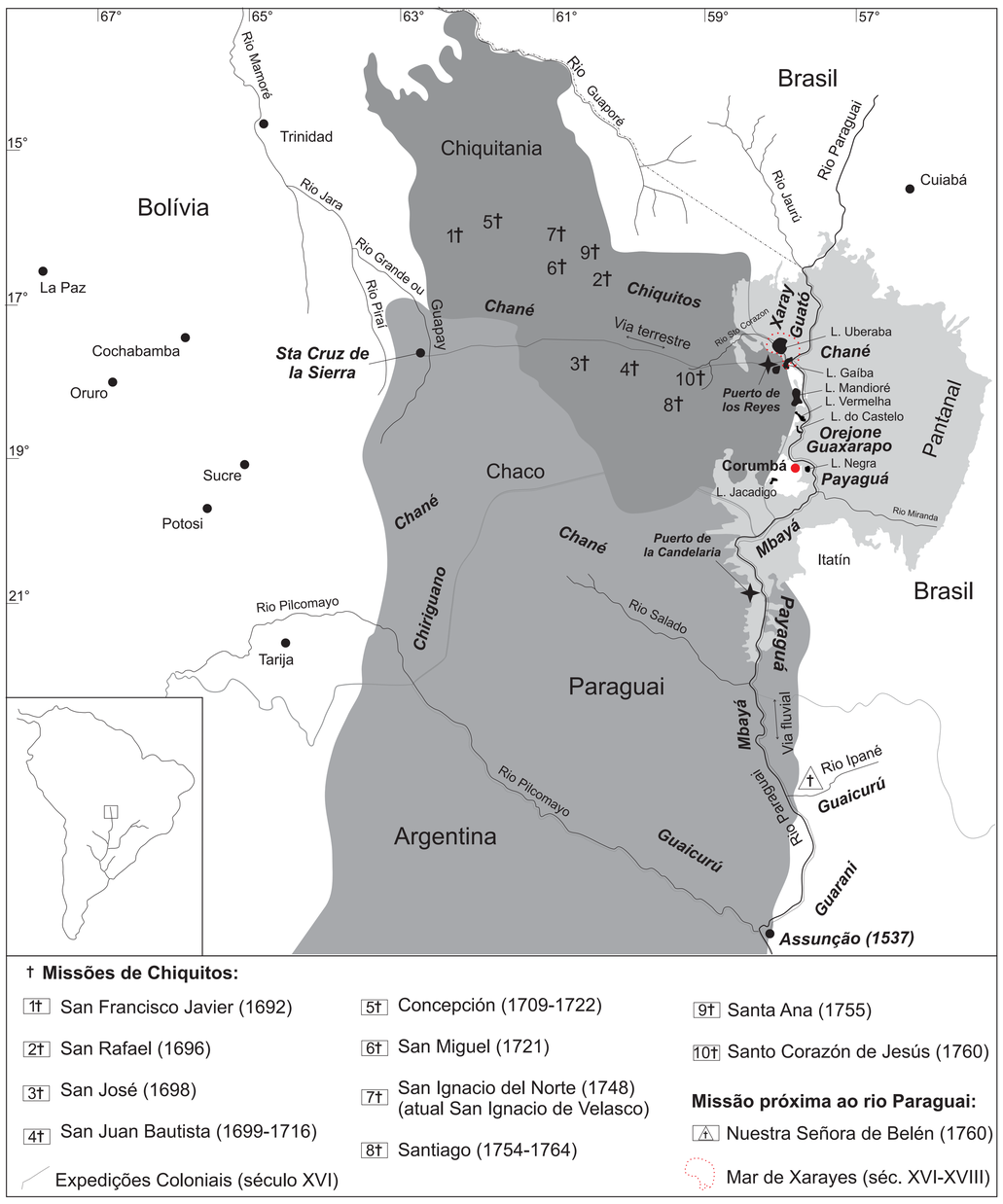
Em seguida, saíram outros exploradores com o mesmo propósito, como Sebastián Gabote e Diego García. Em 1535, a expedição de Pedro de Mendoza partiu com o objetivo de explorar a região do rio da Prata. Posteriormente, diversas outras aconteceram, levando ao conhecimento e à colonização das regiões dos rios da Prata, Paraná, Uruguai e Paraguai.

A partir de 1543, a região do Pantanal Sul-mato-grossense começou a ser explorada e colonizada, especialmente pelos espanhóis Alvar Núnez Cabeza de Vaca, Francisco de Rivera, Domingo Martínez de Irala, Nuflo de Chávez e Hernando de Salazar. Nessa região, os europeus fundaram povoados, cidades, estâncias, portos, fortes e missões religiosas, e estabeleceram *encomiendas* indígenas, ou seja, criaram mecanismos do sistema colonial para suprir a falta de metais preciosos. As estâncias de criação de gado foram instaladas a partir da segunda metade do século XVIII, inicialmente pelos missionários religiosos e, posteriormente, por administradores locais.

Quem são os grupos indígenas no período colonial?

Durante a expansão colonial, a região da borda oeste do Pantanal estava ocupada por distintos grupos indígenas, entre eles os Guató, pertencentes ao Tronco Macro-Jê; os Payaguá e os Mbayá-Guaicurú, da família linguística Guaycurú; e outros grupos que não estão registrados nas famílias linguísticas, como os Orejone, os Chané e os Xaraye (ou Xaray). Alguns desses grupos, como os Mbayá-Guaicurú, mesmo sendo habitantes do Chaco, deslocavam-se num extenso território desde a cidade de Assunção, no Paraguai, até a margem ocidental do Alto Paraguai. Posteriormente, com a pressão exercida pela convivência condicionada com os europeus, a partir de meados do século XVII, esses grupos começaram a ocupar a margem oriental do rio Paraguai, no Pantanal e em áreas periféricas.

Assim, a mobilidade em vastos territórios ofereceu, aos grupos étnicos, uma biodiversidade de recursos para subsistência e trocas culturais. Olhando atentamente para esses espaços, não conseguimos evidenciar os limites somente como territórios políticos, mas como espaços contínuos, com várias possibilidades de mobilidade, reciprocidade, assentamentos, busca de recursos ambientais e dispersão em eventuais conflitos étnicos.



Área dos espaços de fronteira Pantanal e Chiquitania, com a localização dos grupos indígenas, das missões de Chiquitos e das estâncias espanholas. Fonte: Arruda (2015).

Cartografia de Hondius II, 1629, publicado por J. Janssonius desde 1630, com a localização do "Lago de los Xarayes", dos grupos indígenas, do espaço de fronteira Pantanal e Chiquitania e dos rios Paraguai e da Prata. Fonte: Biblioteca digital FBN/RJ.

Relações interétnicas entre indígenas e europeus

Quando os europeus chegaram à região do Pantanal, depararam-se com diferentes grupos indígenas, com características que lhes causavam espanto, curiosidade e admiração. Alguns desses grupos aguçavam o imaginário dos exploradores, através da repercussão de suas habilidades na caça, na pesca, na confecção de canoas, nas guerras, nas estratégias de sobrevivência e nas habilidades de conquista do "Outro", que podia ser o próprio europeu ou um grupo que lhes parecia hostil e propício para manter uma relação de vassalagem, como "cativos". Esses conhecimentos eram transmitidos entre os distintos grupos, alcançando os europeus, que percorriam rios, canais fluviais e caminhos terrestres, encontrando novos grupos, e em busca de outros já registrados em sua memória, tanto os indígenas receptivos às alianças como os ditos "infiéis", não tão passivos à presença do europeu em seus territórios. Assim foi o caso dos "infiéis" Payaguá e Guaicurú que, ao longo de três séculos de colonização, permaneceram "hostis" à dominação e à incorporação das culturas europeias, mas souberam utilizar da reciprocidade para negociar com espanhóis e portugueses, bem como com indígenas inimigos.

Atuação indígena frente ao avanço colonial

Com o avanço da colonização europeia na região, os grupos indígenas passaram a ampliar sua mobilidade espacial ao longo do território, deslocando-se entre o extremo sul, desde a cidade de Assunção, até o extremo norte do rio Paraguai e do rio Jauru, em domínios de Portugal. Também houve uma reciprocidade entre os indígenas "infiéis", como os Payaguá e os Guaicurú, que se aliavam em momentos de confrontos ou, ao menos, mantinham uma relação de cumplicidade no avanço de um grupo para saquear missões religiosas, estâncias e povoados europeus.

A atuação dos personagens nos espaços de fronteira Brasil/Bolívia ou Pantanal/Chiquitania vai muito além de um simples confronto e "resistência". Grupos e indivíduos sociais apresentavam atitudes ambivalentes, ambíguas e complexas. Os próprios europeus mostravam-se perplexos diante de situações adversas, como acordos de paz, incursões, confrontos e saques, nos espaços colonizados. As lógicas das sociedades indígenas ultrapassavam "encontros" ou "desencontros" entre culturas distintas. Mostravam uma tomada de ação, um protagonismo indígena, em que os grupos e os indivíduos valorizavam as suas escolhas e suas prioridades, limitando suas ações ou reações e acordos ou confrontos.

Os espaços de fronteira contribuíram para a criação, reformulação e reprodução dos mecanismos e das dinâmicas culturais. A diversidade de paisagens proporcionou, aos grupos sociais, um leque de possibilidades de mobilidades, assentamentos, busca de recursos naturais, dispersão e trocas culturais. Os espaços, antes de serem definidos por linhas de expansão de impérios ibéricos, eram áreas porosas, fluidas e transitáveis, em que pessoas, culturas e ideias ficavam expostas a interações diversas, aos intercâmbios pacíficos e bélicos, a diferentes tipos de mestiçagens e de trocas culturais. Os nossos personagens formularam comportamentos que se mesclaram, se confundiram e se combinaram, diante da própria condição do espaço como uma área de cruzamento, de ligação e de limites.

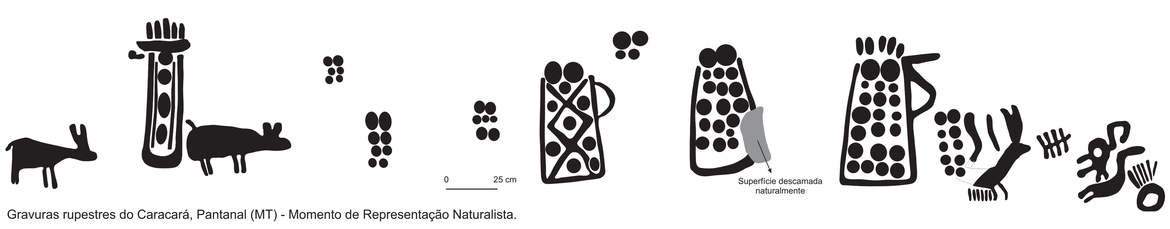
Bibliografia:

ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. Alianças e conflitos entre indígenas e europeus na Chiquitania (Bolívia) e no Pantanal (Brasil). Século XVI. In: MARTÍNEZ, Cecilia; VILLAR, Diego (Eds.). **En el Corazón de América del Sur**. Antropología, Arqueología, Historia. Vol. 2. Santa Cruz de la Sierra: UAGRM, 2015. p. 69-87.

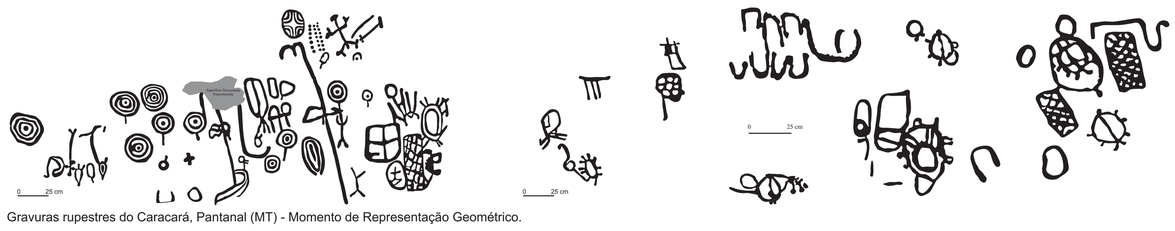
CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. Comentarios. In: _____. **Naufragios y Comentarios**. Edición de Roberto Ferrando. Madrí-Espanha: Historia 16, 1984 [1555]. CHARUPÁ, Roberto Tomichá. **La primera evangelización en las reducciones de Chiquitos, Bolivia (1691-1767)**. Cochabamba/Bolívia: Talleres Gráficos KIPUS, 2002. COSTA, Maria de Fátima. **A história de um país inexistente**: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade, Kosmos, 1999. FERNÁNDEZ, P. J. Patricio. **Relación Historial de las misiones de indios Chiquitos que en el Paraguay tienen los Padres de la Compañía de Jesús**. Asunción/Paraguay: Libreria y Casa Editora de A. de Uribe y Compañía, 1896 [1726], vol. I e II. HERBERTS, Ana Lúcia. **Os Mbayá-Guaicurú**: área, assentamento, subsistência e cultura material. 1988. 262 f. Dissertação (Mestrado em História) –UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1998. JULIEN, Catherine. **Desde el Oriente**. Documentos para la historia del Oriente Boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597). Santa Cruz de la Sierra: Gobierno Municipal Autónomo, 2008.

LABRADOR, P. José Sánchez. **El Paraguay Católico**. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910 [1779]. LUCAIOLI, Carina; NACUZZI, Lidia. **Fronteras**. Espacios de interacción en las tierras bajas del sur de América. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 2010. MAGALHÃES, Magna Lima. **Payaguá**: senhores do Rio Paraguai, 1999. 181 f. Dissertação (Mestrado em História) –UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1999. MATIENZO, Javier; TOMICHÁ, Roberto; COMBES, Isabelle; PAGE, Carlos. **Chiquitos en las arcas de la Compañía de Jesús (1691-1767)**. Cochabamba/Bolivia: Instituto de Misionología/Itinerarios Editorial, 2011. OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **Guató**, jeguaxatas do Pantanal. Porto Alegre – RS: EDIPUCRS, 1996. QUEIJA, Berta Ares; GRUZINSKI, Serge (Coord.). **Entre dos mundos:** fronteras culturales y agentes mediadores. Sevilla: Publicaciones de la Escuela de estudios hispano-americanos de Sevilla, 1997. SANTOS, Maria Cristina dos. A cosmologia de fora e a História por dentro. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 279-286, jul./dez. 2014. SCHÜCH, Maria Eunice Jardim. **Xaray e Chané**: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai. 1995. 67 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1995. SCHMIDEL, Ulrich. Viaje ao Rio de la Plata (1534-1554).Buenos Aires: Cabaut y Cia., Editores, 1903 [1567]. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Y Naify, 2002a, p. 183-264. WEBER, David J. Barbaros: los españoles y sus salvajes en la era de la ilustración. 2ª Edición. Traducción castellana de Alejandra Chaparro y Luis Noriega. Barcelona: Crítica, 2013.

Ariane Aparecida Carvalho de Arruda/UFMS (2019)



Gravuras rupestres do Caracará, Pantanal (MT) - Momento de Representação Naturalista.



Gravuras rupestres do Caracará, Pantanal (MT) - Momento de Representação Geométrico.